

## AS APARÊNCIAS ENGANAM: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS LIVROS DE AUTOAJUDA INFANTIL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Sheila Daniela Medeiros dos Santos<sup>1</sup>

### Introdução

Na sociedade brasileira contemporânea, a venda de livros de autoajuda cresce desordenadamente. De acordo com o levantamento realizado e publicado em 2012 pela Câmara Brasileira de Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional de Editoras de Livros (SNEL), houve um aumento de 700% das vendas desse gênero nos últimos oito anos<sup>2</sup>.

Acompanhando essa tendência, os livros de autoajuda infantil também estão se transformando em um fenômeno de interesse mercadológico para as editoras, ao mesmo tempo em que estão sendo amplamente disseminados no campo educacional.

Desse modo, os livros de autoajuda voltados tanto ao público adulto quanto ao público infantil, produzidos a partir de um processo de massificação incentivado e sustentado pelo mercado editorial, dominam os espaços estratégicos nas livrarias dos *shoppings*, se expandem nas prateleiras de supermercados, bancas de jornais e até em farmácias, e o que é ainda mais preocupante, invadem veementemente o contexto escolar.

Não são raras as vezes em que diretores e coordenadores de escolas, apesar de bem intencionados, iniciam ou finalizam as reuniões pedagógicas, os cursos de atualização profissional, os encontros com os pais e os eventos comemorativos com citações ou textos escritos extraídos de livros de autoajuda. Também não são raras as vezes em que os educadores elaboram questões ou afirmações ancoradas em referenciais invariavelmente pertencentes a esse gênero.

---

<sup>1</sup> Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG)

<sup>2</sup> Conforme matéria publicada na Revista Veja on-line. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/131102/p\\_114.html](http://veja.abril.com.br/131102/p_114.html)>. Acesso em: 22/03/2012.

É possível observar, ainda, frases feitas e pequenas histórias emblemáticas, totalmente sem profundidade, fixadas nos murais da escola, que trazem receitas de realização pessoal e dicas de como enfrentar/aceitar os problemas decorrentes da imprevisibilidade e complexidade que marcam o cotidiano escolar.

No entanto, o conteúdo disseminado através desse tipo de gênero de escritura, vale ressaltar, caminha em direção diametralmente oposta à realidade enfrentada pela profissionalidade docente, de tal forma que a preocupação com o autoconhecimento e os padrões psíquicos e comportamentais predominem sobre os aspectos históricos, econômicos, políticos e sociais que compõem o cenário escolar.

Por outro lado, por mais paradoxal que possa parecer, além da presença marcante dos livros de autoajuda nas escolas destinados ao público adulto, é possível notar que é bastante expressivo o número de professores que recorrem aos livros de autoajuda infantil como recurso à introdução de temáticas em sala de aula que discutem desde questões éticas e morais até problemas pessoais e familiares das crianças, como a ansiedade, a morte, o divórcio, a sexualidade, entre outros. Acrescenta-se a esse aspecto, o fato das escolas até mesmo indicarem alguns títulos para os pais abordarem determinados assuntos com as crianças em casa.

Nesse contexto, ao questionar o modo como essa nova realidade se configura, o presente trabalho objetivou analisar o impacto dos livros de autoajuda infantil na constituição do sujeito leitor na educação escolar.

Para efetivar esse estudo foram realizadas visitas semanais, durante um ano, em uma escola pública de ensino fundamental situada no município de Campinas à luz do referencial teórico-metodológico de Vigotski (1999), Zilberman (2003) e Lajolo (2001). As observações foram registradas em diários de campo, assim como as entrevistas com roteiro estruturado e semiestruturado, as conversas informais e as análises de alguns livros de autoajuda infantil pertencentes ao acervo da biblioteca da escola e disponibilizados às crianças.

Problematizar o impacto dos livros de autoajuda infantil na constituição do sujeito leitor, na educação escolar, adquire extrema relevância pelo fato de trazer à tona mecanismos analíticos e interpretativos capazes de desvendar a ideologia e as

armadilhas do discurso presentes nesse gênero voltado ao público infantil em tempos de globalização marcados pela hegemonia neoliberal.

### **Autoajuda: um breve histórico**

O termo autoajuda foi criado pelo escritor escocês Samuel Smiles (1812-1904) e utilizado pela primeira vez no livro *Self-Help* (1859). Segundo Rudiger (1996), essa obra alcançou um sucesso imediato e foi traduzida em oito idiomas, de tal forma que o termo transformou-se em um determinado gênero de escritura.

De acordo com Rudiger (1996), Smiles defendia a posição de que o homem era o responsável pela construção de seu êxito e bem-estar no mundo.

No entanto, a significação da expressão autoajuda apresentada por Smiles no contexto histórico do século XIX era completamente diferente daquela a que nos referimos atualmente em nossa sociedade contemporânea.

Para Smiles (*apud* Rudiger, 1996), a autoajuda correspondia a um conjunto de valores morais que o homem, preocupado com as suas virtudes e a formação de seu caráter, deveria desenvolver para empregar no bem-estar da sociedade. Nesse sentido, a autoajuda, enquanto dever social, era fundamental para reaver a noção de responsabilidade e de sentimento coletivo em um período em que o individualismo estava sendo enfatizado devido a expansão industrial.

Já no século XX, a expressão autoajuda passou a adquirir contornos conceituais distintos e a apontar para outra direção. Desse modo, o termo e a sua respectiva aplicabilidade foram modificados e os escritores dessa modalidade começaram a apresentar suas ideias aos leitores prometendo mudanças de comportamento tendo em vista a lei do afeto e dos sentimentos.

De acordo com Chagas (1999), na virada do século, o termo passou a tematizar o uso do poder de pensamento, existente no interior de cada ser humano, como forma de alcançar qualquer objetivo na vida e, desse modo, obter sucesso e autorrealização.

Conforme observou Chagas (1999), de acordo com essa nova definição, encontrar recursos para que tal condição se concretize é algo que depende

unicamente do sujeito e de mais ninguém, visto que os recursos a serem compreendidos são próprios e individuais a cada ser.

Em outros termos, a expressão autoajuda passa a ser compreendida a partir do princípio de que o indivíduo possui um poder interior, através do qual busca dentro de si, no pensamento positivo, recursos necessários para solucionar os diversos problemas da vida.

Vê-se, portanto, que os textos veiculados nos livros de autoajuda, na medida em que transferem os problemas de ordem social para os problemas de ordem psíquica e individual, promovem um distanciamento muito grande em relação à literatura *strictu sensu* que questiona valores sociais, rompe paradigmas estabelecidos e possibilita leituras a partir de uma multiplicidade de sentidos.

Os manuais de autoajuda prometem poder e riqueza material ou afetiva e não só direcionam regras para “auxiliar” o sujeito em sua cotidianidade, como estimulam a aceitação e a adaptação ao ideário neoliberal, pois os grandes problemas a serem resolvidos são de ordem pessoal, individual e não coletiva.

O mesmo ocorre em relação à comparação entre os livros do *gênero autoajuda infantil* e os *livros de literatura infantil*. Enquanto os primeiros caracterizam-se por discursos prescritivos, conselhos e dicas práticas às crianças, os livros de literatura infantil agregam e negociam embates entre os diferentes imaginários, problematizam temáticas universais, compactuam com a produção do conhecimento e possibilitam reflexões sob diversos matizes: poesia, teatro, fábula, conto, história oral, novela, cordel, entre outros.

Nesse contexto, convém ressaltar, conforme Lajolo (1997), que a literatura infantil consolida imagens de infância que circulam na sociedade:

(...) Enquanto formadora de imagens, a literatura mergulha no imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar bem com as imagens de infância formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas, sejam estas científicas, políticas, econômicas ou artísticas. Em conjunto, artes e crianças vão favorecendo que a infância seja o que dizem que ela é... e simultaneamente, vão se tornando o campo a partir do qual se negociam novos conceitos e novos modos de ser da infância. (LAJOLO, 1997, p. 228).

A partir de tais considerações, surge a questão: Qual é o impacto dos livros de autoajuda infantil na constituição do sujeito leitor na educação escolar?

### **A escola pesquisada e os livros de autoajuda**

A fim de buscar respostas para essa questão, iniciou-se uma pesquisa do tipo qualitativa (ANDRÉ e LÜDKE, 1986) em uma escola pública de ensino fundamental situada no município de Campinas.

Durante o processo de investigação, além do registro das observações realizadas, das entrevistas e das conversas informais com os diversos atores envolvidos no processo da pesquisa, foram analisados os seguintes títulos que faziam parte do acervo da biblioteca e que eram disponibilizados às crianças para trabalhar temáticas específicas em sala de aula: “Se ligue em você”, de Luiz Antônio Gasparetto (volumes 1, 2 e 3); “Ficar com raiva não é ruim”, de Michaelene Mundy; “Faça seu mundo melhor”, de Ruth Helena Oliveira de Souza e Roberta de Oliveira Ribeiro; e “Quem mexeu no meu queijo para crianças”, de Spencer Jonhson.

Ao analisar esses livros, observou-se que a maioria deles começa com uma breve introdução explicativa sobre o assunto a ser abordado, em seguida apresenta pontos positivos e negativos padronizando as situações a serem enfrentadas e, por último, finaliza o texto com uma lista de conselhos.

O volume 1 da coleção *Se ligue em você*, fala sobre “uma luzinha que existe no peito da criança” que, quando acesa, faz com que apareça “sentimentos bons e gostosos” e, quando se apaga, faz com que surja “sentimentos tristes, feios e doloridos”. Desse modo, o livro atribui à criança o poder e a responsabilidade de manter a “luzinha” sempre acesa, sendo culpa exclusivamente dela se sentimentos ruins a rondarem pelo fato da “luzinha estar apagada”.

O volume 2 ensina a criança a “rir por dentro”. Nesse volume, o autor escreve:

Quando a mamãe ficar furiosa com você, lembre-se de rir por dentro. Faça a mesma coisa quando um colega for estúpido com você. Isso vai fazer você se sentir uma pessoa especial.  
(...) Dentro de você há um mundo que é só seu, e só você pode arrumá-lo e desarrumá-lo.

Nesse caso, a mensagem também é explícita: ensinar a criança a dissimulação, a falsidade, evitando o diálogo, desqualificando as pessoas e voltando-se para si própria.

Já no volume 3, o autor dá dicas de como a criança deve evitar o conflito e o sofrimento pessoal:

É hora de você pensar que você é seu melhor amigo. Nunca se deixe sozinho e nunca se abandone. Quando você falar a verdade e os outros não acreditarem, fique do seu lado. Não insista com eles, fale só para você dentro da sua cabeça:

- Eu sei que é verdade, por isso não vou insistir, se eles quiserem acreditar, tudo bem, e se não quiserem, que se dane.

O importante é que eu sou meu amigo e me dou importância.

Nessa perspectiva, a relação entre o eu e o outro não é de troca de experiências, de confronto com a diversidade, de respeito às diferenças e de busca do diálogo, mas é o de evitar os pontos de vista divergentes, ignorando o outro e cultivando sentimentos narcísicos.

Em contrapartida, lembrando o que disse Vigotski (1993, 2000), "o homem é um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo", é possível inferir que a constituição do sujeito é um processo dinâmico e dialético, consubstanciado na história cultural e social, e inextricavelmente relacionado à presença imprescindível do outro. Nesse sentido, a transformação de pensamento do sujeito ocorre a partir dos modos de participação e dos papéis e posições sociais desempenhados pelo eu e pelo outro na relação, durante o processo de constituição desse sujeito. Em outras palavras, sujeito e subjetividade são constituídos e constituintes nas e pelas relações sociais.

Dessa forma, Molon (2003), ancorada no referencial teórico de Vigotski, afirma:

(...) a constituição do sujeito não se esgota no privilégio de aspectos intrapsicológicos ou interpsicológicos, mas no processo dialético de ambos, e ainda, o que é mais expressivo, a constituição do sujeito acontece pelo outro e pela palavra em uma dimensão semiótica. (MOLON, 2003, p. 57).

Portanto, os livros da coleção “Se ligue em você” negam o que há de mais significativo no processo de constituição do sujeito: a historicidade, as relações sociais e o outro.

Além disso, os livros da coleção recorrem a uma forma de expressão bem característica do gênero autoajuda: apresenta o autor como conselheiro, amigo, confidente e experiente no assunto, ou seja, alguém que pelo fato de já ter vivido o mesmo problema identifica-se com o leitor, confortando-o e proferindo “coincidentemente” as palavras que o leitor gostaria de escutar.

Na mesma direção, o livro *Ficar com raiva não é ruim*, de Michaelene Mundy, ao colocar os sentimentos em relações antagônicas, apresenta maneiras adequadas para a criança expressar a raiva:

Procure descobrir maneiras adequadas e seguras de expressar sua raiva (...) Bata numa almofada. Pise em bolinhas de isopor. Corra pelo gramado da casa. Ache um lugar onde possa gritar a plenos pulmões. [Peça a um adulto que lhe indique um lugar favorável para fazer essas coisas].

Então, as crianças, seduzidas pelas palavras apelativas e pelas soluções fáceis e rasteiras que lhe são propostas, consomem o produto acreditando que poderão equacionar suas angústias num passe de mágica, além de obter segurança, bem-estar e a tão almejada felicidade.

Já o livro *Faça seu mundo melhor*, de Ruth Helena Oliveira de Souza e Roberta de Oliveira Ribeiro, é constituído por um texto com instruções gerais e por 25 cartas ilustradas que contém uma afirmação, uma relação de situações específicas e dicas de como se relacionar, solucionar conflitos, adquirir autoconfiança e deixar de ter sentimentos e pensamentos ruins. Cada carta deve ser escolhida pela criança dependendo daquilo que está sentindo no momento. Por exemplo, em uma das cartas está escrito:

**Eu sou o máximo**

Usar quando:  
Não gostar de alguma coisa em você;  
Achar que os outros são melhores que você;  
Tiver sentimentos e pensamentos ruins sobre você;  
Achar que você não tem importância.

Logo em seguida, as autoras apresentam um modo de a criança resolver esses problemas:

Ideia para a imaginação:

Vá para frente do espelho, olhe-se nos olhos e fale várias vezes, bem baixo e apontando para você: “Eu sou o máximo”. Depois, ainda se olhando nos olhos, na frente do espelho, aponte para o seu reflexo e fale várias vezes: “Você é o máximo”. Divirta-se fazendo isso várias vezes todos os dias.

Por fim, em uma caixa de texto sombreada as autoras escrevem em destaque:

Repita a afirmação em voz alta ou só no pensamento sempre que puder: antes de dormir e ao acordar, no banho, a caminho da escola...

O livro vende ilusões e fantasias. A mais evidente delas está no fato de sugerir às crianças que têm igualmente o mesmo poder interior capaz de proporcionar-lhes crescimento pessoal na esfera afetiva e emocional, de tal forma que possam controlar seus sentimentos e os modos de compreender as outras crianças, os adultos e a si própria.

Ao enfatizar essa potencialidade interior, o livro denota uma igualdade e uma liberdade que não existem de fato. Também propõe a inversão, pelo fato de, em sentido contrário, culpabilizar a criança pela sua incapacidade de não realização pessoal. Em outros termos, se a criança não for bem sucedida em sua empreitada, é porque não quer ou porque é incompetente para tal. Isso explica o uso recorrente de imperativos pelos autores e autoras do gênero, a fim de dar ordens dirigidas ao leitor, indicando não apenas o caminho a seguir, mas principalmente a melhor forma de escolher o caminho.

Além disso, vale ressaltar que, de acordo com um estudo realizado e publicado por pesquisadores canadenses em 2009 na revista *Psychological Science*<sup>3</sup>, pensamentos positivos tais como os contidos em livros de autoajuda do

---

<sup>3</sup>Para maiores informações consultar: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/07/090704\\_autoajuda\\_pu.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/2009/07/090704_autoajuda_pu.shtml).



tipo “vou ter sucesso” ou “sou uma pessoa adorável” podem provocar sentimentos contraditórios em pessoas com baixa autoestima. O estudo conclui que, com a preocupação de ter de pensar positivamente, pessoas de baixa autoestima podem considerar os pensamentos negativos ainda mais desanimadores.

Outro livro de autoajuda infantil intitulado *Quem mexeu no meu queijo? para crianças*, de Spencer Jonhson – o mesmo autor que vendeu mais de 24 milhões de exemplares em todo o mundo do livro *Quem mexeu no meu queijo* (para adultos) –, conta a história de quatro ratinhos que estão atrás de queijo em um labirinto.

O livro, na realidade, faz alusão aos objetivos que temos na vida e a superação dos obstáculos e desafios durante a busca de tais objetivos. Durante a leitura, a criança é colocada frente à atitude de cada protagonista (ratinho) ao enfrentar as condições adversas que lhe são impostas. Ao final do livro o autor sintetiza, de maneira metafórica, os conselhos apresentados ao pequeno leitor ao longo do livro:

Ter Queijo nos deixa felizes.  
(...) Quanto mais rápido abrimos mão do queijo velho, mais cedo achamos o Queijo Novo!  
Imaginar seu Queijo Novo ajuda você a encontrá-lo!  
Cheire o Queijo com frequência para saber quando ele está ficando velho.  
Encontrar o Queijo Novo e aproveitar!

A ideia que esta produção destinada às crianças procura promover é a de que o importante é que cada um de nós viva intensamente esse mundo de competição e consumismo exarcebados, desfrutando o presente – que por sua vez é desvinculado de um passado histórico –, e passando por cima de tudo e de todos que por ventura venham a postar-se em nossos caminhos, impedindo-nos de saciar as nossas necessidades imediatas e de projeção.

É na esteira desse viés ideológico que a veneração ao consumismo e a felicidade repentina contribuem para criar o simulacro de que em nossa sociedade, marcada pelas injustiças sociais e pela miséria extrema, só não se ajuda a si mesmo e só não se é feliz quem não quer.

## Considerações finais

As análises do material empírico revelaram que o gênero autoajuda, constituído fundamentalmente de textos prescritivos, dicas de comportamento para obter sucesso e felicidade, conselhos e fórmulas prontas para solucionar problemas, incita a aceitação e o conformismo em detrimento ao senso crítico.

Ao incorporar discursos em que há o predomínio de um cenário enunciativo de aconselhamento, de interpelações diretas e de caráter imperativo, esse gênero textual induz os pequenos leitores a aceitarem certos valores sociais ligados aos modos de reprodução do capital e às formas imperialistas de dominação.

Se por um lado a problematização dos textos contidos nos livros de autoajuda destinados às crianças nos intriga e nos impacta de diferentes formas, por outro nos desafia e nos obriga a (re)pensar as concepções frágeis, generalistas e abstratas de criança, de infância, de escola e de educação, que se impõem pela nefasta política neoliberal.

Por fim, essa pseudoliteratura infantil se sustenta nos pilares do ideário neoliberal ao abordar de maneira leviana temáticas complexas da vida, apagar os aspectos políticos, econômicos, sociais e históricos que inextricavelmente as constituem e preconizar saídas individuais para problemas estruturais da sociedade. Nesse cenário, ao exaltar a política dos afetos, o que impera, indubitavelmente, é a submissão sob o disfarce da emancipação.

## Referências

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

CHAGAS, A.T.S. *A ilusão no discurso de auto-ajuda e o sintoma social*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1999.

GASPARETTO, L. A. *Se ligue em você*. São Paulo: Vida e Consciência, 2011. 3v.

JONHSON, S. *Quem mexeu no meu queijo? para crianças*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAJOLO, M. P. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

\_\_\_\_\_. *Infância de papel e tinta*. In: FREITAS, M. C. *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

MOLON, S. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. São Paulo: Vozes, 2003.

MUNDY, M. *Ficar com raiva não é ruim*. São Paulo: Editora Paulus, 2002. Coleção: Série Terapia Infantil.

RUDIGER, F. R. *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

SOUZA, R. H. O. S.; RIBEIRO, R. O. *Faça seu mundo melhor*. São Paulo: Editora Mundo Melhor, 2011.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, XXI(71), 23-44.

\_\_\_\_\_. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Obras Escogidas – Tomo II – Problemas de Psicologia General*. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.